

BELLO SEXO,

PERIODICO

LITTERARIO E RECREATIVO.

**Il est doux de trouver dans une épouse chère
Des arts consolateurs qui sachent nous distraire.**

Casimir Bonjour.



TOMO I.



Ns. 5 e 6. — Setembro e Outubro de 1850.

PERNAMBUCO,

NA TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA.

1850.



VENTURAS E DISSABORES DO ESTADO CONJUGAL.

(Ao meu amigo A. Witruvio P. Bandeira e A. de Vasconcellos.)

A sociedade conjugal é por sem duvida a principal entre todas as sociedades. O amor deve ser seu fundamento, a fidelidade seu garante, a condescendencia seu sustentaculo, e a educação dos filhos seu fim capital.

(Anonymo.)

Para ambos os sexos o primeiro arrebol da juventude, o primeiro passo n'essa ponte mystica que medeia entre a infancia e a puberdade, é precursor approximado de vagas aspirações e anhelos, que pelo andar do tempo se vão desabroçando e desenvolvendo, em ordem a claramente distinguirem o alvo a que tendem.

Mesmo quando o homem, envolto em sonhos de gloria, embalado em campos de batalha, começa sua vida em uma atmospheria de fumo marcial, alimenta seu espirito com as harmonias das espadas, escudos e canhões, e depois por entre esse encapellado viver sóbe ao fastigio da gloria, ou desce aos escabrosos antros da desventura e povôa sua alma de atroz pensamentos — mesmo quando a mulher, como uma Roland, sente em si o genio indagador e do estudo, e se interna na aridez das bibliothecas, e quer dar-se scientificamente a rasão de tudo, quer usurpar todos os impulsos do coração para constituir rainha a intelligencia, — mesmo o homem dos campos, na lisura do seu espirito, — mesmo a recatada donzella, na innocencia de seu paterno e desconhecido lar, — todos com surpresa e alegria, com prazer e susto sentem alvorecer-lhes a quadra, em que reconhecem um vazio n'alma, uma lacuna a preencher, e esta lacuna se preenche, quando vem a luzir o sol vivificador, a visão de obscuros sonhos, o fuzilar de mysterioso santelmo; ou, mais elegantemente, quando surge — « aquella cegueira encantadora, aquelle raio escapado dos céos, fugaz relampa-

ne5

A MÃE.

Mulher indifinivel, mulher sancta,
Quando ao duro sacrificio sóbe rindo,
E beija o ferro, que poupára o filho
Tinto no sangue que verteo por elle.

Garcia.

A missão de huma mãe na terra he grande e sancta—d'ella partem os bons sentimentos que no futuro são desenvolvidos no coração de seus filhos — pois ella, á semelhança dos antigos patriarchas pregando a moral aos povos, he entre seus filhos como a imagem pura da virtude, d'onde para elles sempre manão os principios da verdadeira religião de misturar com lições proficuas a vida.

Com effeito, o que ha ali de mais respeitavel dó que huma mãe prodigalizando carinhos a seus filhos, velando em sua educação, tratando de desvia-los d'aquelles principios, que lhes possão attrahir más consequencias?!

Grande e admiravel he aquelle conquistador, que, percorrendo o mundo com passos de gigante, domando e civilizando os povos barbaros, desthronando os tyrannos, arvora o estandarte da civilisação e da liberdade d'entre as ruinas do despotismo e barbaridade.

Nobre he a sabia missão do legislador, apresentando as condições para a repressão do crime, e recompensa da virtude.

O mister d'aquelle, que tomou a seu cargo defender perante o juizo dos homens a innocencia, e accusar o crime, he grande.

O monarcha, que unicamente cuidadoso da felicidade de seus vassallos, traz em huma das mãos a espada da justiça, que deve fulminar o réo, em quanto que n'outra conserva a balança onde com imparcialidade pesa recompensas e penas, e que chora lagrimas de dôr quando algum de seus servidores delinque, e verte o pranto da satisfação quando os vê tranquillos e felizes, he digno de veneração.

O philosopho, que fechado em seu gabinete mirra o cerebro em pensamentos para a felicidade dos povos, e que depois de haver escripto grossos volumes, os patentêa para que nelles aprendão os homens os principios, por que se devem guiar afim de alcançarem o seu aperfeiçoamento e felicidade — he digno de respeito e louvor.

O verdadeiro sacerdote, que, sacrificando o seu descanso e saude, anda entre os enfermos e moribundos de huma po-

pulosa cidade devastada por o impuro bafejo de negra peste, como hum anjo descido do céu para que adoce as amarguras dos ultimos instantes d'essas victimas — he santo.

Mas huma mãe he mais que tudo isso.

Ella arranca de seus labios tremulos de fome o pão, para que mitigue a de seu filho; ella despe-se dos poucos vestidos, que cobrião seus enregelados membros, para que aqueção os d'aquelle.

E n'essas crises terriveis em que o homem á face da morte só sente em si o instincto vital; n'esses momentos, dizemos, em que elle tudo olvida — tudo sacrifica á sua salvação — a mãe esquece-se de si — não trata de fugir á morte, e até se lança em seus braços para ser suffocada, morta.... com tanto que seu filho viva, e seja feliz!

Onde pois encontrar maior somma de abnegação — onde maior força, e coragem para affrontar os perigos, do que no coração de huma mãe?... O que ha ahí de mais sublime e tocante do que a mãe que com seu filho ao seio esmola hum pouco de pão, não para si — mas para elle?

Entraí em hum cemiterio.

Ahi vereis huma donzella debruçada sobre o marmore, pranteando a perda d'aquelle que ia breve conduzi-la ao altar. Vereis o filho, mudo em sua dôr, chorando a morte de seu pai. — O irmão a do irmão — o pai a do filho....

Permanecereis espectador, com o coração cheio de tristeza.... Sentireis um calafrio correr vossos membros — elevareis vossas orações ao throno do Creador, rogando-lhe enchugue tantas lagrimas, derramando no coração desses infelizes o balsamo da resignação.

Passai adiante.

Encontrareis huma mulher, fiel imagem da dôr, derramando lagrimas ferventes que queimão as faces — ouvireis esses comprimidos soluços que escapão de seu peito.

A dôr — o desespero, e tudo que ha de mais tormentoso neste mundo, se vê pintado no rosto d'essa mulher. Então correreis a ella, ajoelhar-vos-heis a seu lado — chorareis e orareis com ella — porque he huma mãe, e se vos apresenta á memoria a imagem da vossa.

A mãe já não vive — não sente — sua vida — suas sensações são as do filho. Se este ri, ella com elle ri — e se chorar suas lagrimas correm socias das d'aquelle....

Na existencia tormentosa,
Na vida leda, e serena,
Quem mais ri no nosso gozo,
Quem mais chora em nossa pena?

Nossa mã!

(Maniz.)

Que bens ha aqui no mundo que se possam comparar com a posse de huma mãe?

Que perda maior que a desta?

Huma esposa he por sem duvida hum anjo — mas este quando perdido, outro se póde encontrar. Os carinhos desta abrandão os padecimentos do esposo contra quem a fortuna se apresenta adversa; suas palavras echoão suavemente no coração deste.

Mas onde encontrar palavras mais repassadas de ternura e consolações, do que nos labios de huma mãe? Onde achar antidoto mais efficaz para as nossas dôres que nas palavras desta?

Oh! feliz daquelle homem, que ainda goza o summo prazer de beijar as veneraveis mãos de sua mãe — escutar suas palavras — vêr hum seu gesto — e adivinhar seus pensamentos e desejos, porque

.... nossa doce mãe quando perdida

Outra mãe não se encontra em toda vida.

(A. G. F. e Souza.)

J. C. LOBATO.

A RELIGIÃO

Não conhecemos senão hum só Deos, o autor, o creador, o director do mundo, todo poderoso, eterno e incomprehensivel.

O sol não he Deos, posto que a sua mais nobre imagem; elle allumia o mundo com o seu resplendor, seu calor dá vida a todos os fructos da terra, admira-o como creatura, como maravilhoso instrumento de Deos; mas não o adores.

Ao unico que he supremo, o mais sabio e benefico, a elle só pertence o culto, a adoração, as graças e os louvores.

Quem he que estendeu os céos tão dilatados com as suas mãos, e que delineou com o seu dedo o curso das estrellas? Quem põe limites ao vasto oceano, os quaes não póde passar, e que diz aos ventos tempestuosos — abrandai?

He este mesmo que faz tremer a terra, e os povos se aterrão; que lança relampagos, e os malvados se confundem; — que cria mundos com a simples virtude da sua palavra, que os fere com o braço, e ficão aniquilados.

Oh ! reverencia a magestade do Omnipotente, não provoques a sua ira ; pois ella saberá tomar severa vingança.

A providencia de Deos se estende sobre todas as suas obras ; elle governa e dirige o mundo com summa sabedoria — estabeleceu leis desde o principio para esse fim, e as variou de huma pasmosa maneira para com todas as creaturas ; e cada huma d'ellas, segundo sua natureza, se conforma com a sua divina vontade.

Na profundidade dos seus juizos, resolve toda a sciencia ; os segredos do futuro estão inteiramente patentes a seus vigilantes olhos, de sorte que os pensamentos do teu coração, elle os vê como a luz do claro dia ; conhece as tuas resoluções antes de as teres formado.

Concernente á sua presciencia nada ha contingente ; concernente á sua providencia nada ha casual.

He maravilhoso em todos os seus caminhos, suas disposições são inescrutaveis ; os meios da sua sciencia transcendem a tua comprehensão ; tributa pois á sua sabedoria toda a honra e veneração ; incurva-te em signal da tua humilidade e submissa obediencia á sua suprema direcção.

O Senhor he cheio de graça e beneficencia, creou o mundo pela sua misericordia e amor.

A sua bondade se declara nas suas obras ; elle he a fonte da excellencia, o centro da perfeição.

As creaturas que suas mãos formáram, testemunhão a sua bondade ; e todos os gozos que lhe são proprios, declaram os seus louvores : elle reveste-as de bellezas, sustenta-as com mantimento, perpetua-as com benignidade por gerações infinitas.

Se levantarmos os olhos para os céos, sua gloria n'elles resplandece ; se os abaixarmos para a terra, vemo-la cheia da sua bondade ; os montes e os valles se alegrão e cantão : prados, rios e bosques resôão os seus louvores.

Mas, ó homem, este mesmo Deos elegeu-te a ti como mais nobre para felicissimo objecto da sua especial beneficencia, e exaltou o teu estado acima de todas as creaturas. Elle te dotou com razão para sustentares o teu dominio, deu-te capacidade para a lingoagem, para teu adiantamento na sociedade ; sublimou o teu animo com as potencias da meditação, para contemplares e adorares as suas inimitaveis perfeições.

E quanto ás leis que ordenou como regra da tua vida, tão benignamente constituiu a união da tua obrigação com a tua natureza, que obedecendo aos seus preceitos, procuras a tua propria felicidade.

Oh ! louvai a sua bondade com canções de graças, e meditai silenciosamente nas maravilhas do seu amor ; os vossos corações transbordem com gratidão e reconhecimento ; a lin-

goagem dos vossos labios pronuncie os seus louvores e adoração, as acções das vossas vidas mostrem vosso amor ás suas santas leis.

O Senhor he justo e recto, julgará a terra com justiça e verdade. Não tem elle estabelecido as suas leis com bondade e misericordia, e não castigará elle os que as transgredem?

Oh! não te persuadas, homem temerario, porque o teu castigo se demora, que o braço do Senhor se enfraqueça; nem te lisongeies com as esperanças, que elle dissimula as tuas faltas. Seus olhos penetrão os segredos de todos os corações, elle se lembra d'elles pará sempre; não attende ás pessoas, nem aos estados dos homems.

O soberbo e o humilde, o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, livre a alma dos molestos vinculos desta vida mortal, hão de receber igualmente da sentença de Deos huma justa e eterna recompensa, segundo as suas obras.

Então os malvados estremecerão, e terão summo temor; mas o coração do justo se alegrará com sua sentença.

Tem e pois o Senhor todos os dias da tua vida, e anda pelos caminhos que elle abriu para teu curso. A prudencia te admoeste, a temperança te constranja, a justiça conduza as tuas mãos, a benevolencia dê calor a teu coração, e a gratidão para com o céu te inspire a devoção.

Estas cousas te farão feliz no estado presente, e te conduzirão ás habitações da eterna felicidade no paraizo celestial.

(Trad)

EPISTOLA.

Cesarina, agora que teus olhos banhárão-me de uma luz celeste, sinto-me inspirado para escrever uma pagina em favor do teu sexo, por quem tantas vezes se tem rompido uma lança, e mais de uma espada tem lanpejado ao sol dos combates.

Para provar as excellentes qualidades, que ornão o teu sexo adoravel, eu não preciso de velar noites inteiras na meditação de argumentos, que agorentão, e estancão as fontes da vida. A' luz da razão e do sentimento, se conhece, se sente a benigna influencia, que elle exerce no plano da criação.

Nas horas mais deleitosas do dia, ao romper da manhã, ou ao cahir da tarde, nessas horas de saudade e de melancolia, nessas horas enfeitadas em que toda a natureza levanta espontanea um hymno de gloria ao seu Creador, nessas horas douradas, em que a imaginação se entranha pelas infinitas bellezas da criação, nessas horas em que o poeta resume na mente tudo quanto o céu e a terra podem comprehender de grande e de sublime, uma ideia feliz, uma ideia mais grandiosa que todas essas ideias se levanta em meu espirito, innunda-o de luz, e o domina. Essa ideia, Cesarina, é a de que todas essas bellezas seriam nada sem a criação da mulher !

Em verdade, minha bella, inquirio a causa de tudo quanto é brilhante, e grande no universo, inquire a origem de todos esses feitos magnanimos, que fazem a honra e a gloria da humanidade, e verás que só a mulher é a causa de tantas maravilhas.

Os unicos homens rasoaveis, quando se trata de materias, que dizem respeito ao teu sexo, são seguramente os poetas, e estes, Cesarina, nunca são tão ferteis, nunca são tão admiraveis, como quando vivem debaixo de tuas inspirações.

O amor então os illumina, e elles nas azas divinas do entusiasmo elevão-se ás brilhantes espheras do ideal, e depáram nas minas inexhaustas da imaginação com as mais maravilhosas creações. Virgilio e Horacio nos encantão, quando fallão, quando cantão amores ; Camões nos arrebatam, quando nos canta em metro fluido e harmonioso a historia triste e memoranda de Ignez de Castro ; Gonzaga, o mavioso Dirceo, o inconsolavel desterrado, nos appaixona com as suas bellas estrophes, em que se sente o fogo de um coração, que nos falla em cada letra de seus versos ; em uma palavra, Cesarina, quando os artistas nos arroubão, nos encantão, e nos extasião, estão seguramente inspirados, e tu podes estar capacitada, que sómente uns bellos olhos, e uma palavra divina, que são exclusivamente a partilha da mulher, são a fonte de suas inspirações.

A mulher levanta o homem do pó da terra, enche-lhe a mente de todas as bellezas do céu, lava-lhe o coração de todas as impurezas, e o torna apto para todas as virtudes.

A sua brilhante missão é a de esparzir flores pelos caminhos da vida, e a de se abraçar com a vida do homem, como a hera ao carvalho para o fortificar, e ennobrecer.

A infancia merece os seus carinhos mais desvellados, e nessa época da vida, em que tão facilmente se acceitão todas as impressões, ella pôde imprimir, e realmente imprime no homem todas as tendencias que quizer que elle desenvolva. É verdade que uma educação aturada pôde mo-

dificares as tendências ; porém é innegavel que uma ou outra vez apparecem, ainda que como relampagos fugazes, as ideias que se recebêrão com o leite da infancia.

A mocidade, essa quadra de flores, em que se espregha a imaginação, e se recreia o espirito ; a mocidade, esse oasis de ventura, que nos faz amar a existencia, seria sem a mulher a quadra mais tormentosa da vida. A mocidade é a estação dos amores, e o amor sem a mulher é um sentimento sem doçura, é uma flôr sem perfume.

Na velhice a influencia da mulher é ainda mais benéfica, porque ella derrete os gelos do coração, e nos doura os melancolicos dias da existencia.

A mulher faz na terra o papel de um anjo ; e o mundo não deve envergonhar-se de prostiar-se a seus pés, porque a seus pés já cahio a divindade.

Bem vês, Cesarina, que as qualidades, que descubro no teu sexo, são as mesmas que descubro em ti nesses momentos venturosos, em que te contemplo com aquelle enthusiasmo, de que é capaz um homem, que se abraza por ti nas chammas de uma paixão vehementissima.

Os philosophos rirão talvez das minhas proposições ; porém eu desprezo essa raça de ingratos, cujo coração vive cerrado aos mais puros e generosos sentimentos. Orgulhosos por systema, elles fecharão os olhos á luz deslumbrante da verdade ; por espaço de muitos seculos negarão os direitos do teu sexo, e por consequencia desconhecêrão a sua natureza. Cegos ! a civilisação desmentio as suas pretensões, e a causa da justiça esposou-a o seculo das luzes.

Eu pèso em duas conchas as qualidades de ambos os sexos, e vejo que ellas conservão um admiravel equilibrio. Ambas portanto teem igual peso, ambas teem o mesmo valor. E se acaso, Cesarina, me forçassem a fazer opção entre essas duas conchas, pensas tu que eu me decidiria contra o teu sexo ? Enganas-te. Eu não conheço todas as mulheres, porém conheço a ti, e tu és o ente mais precioso e mais prezado que sahio das mãos do Creador.

Agora mesmo, minha bella, pelo que em mim se passa, conheço a excellencia e importancia do teu sexo. Eu me sinto mais e mais elevado, á medida que escrevo algumas paginas em favor do teu sexo, constantemente ultrajado por quantos impostores andão ahí com o titulo de philosophos.

A mulher é a obra do setimo dia, e por consequencia a mais excellente maravilha do Eterno !

F. D'ARAUJO BARROS.

EU E ELLEA-

AO MEU AMIGO A. LEMENHA LINS.

I.

Nasceu o Bardo, e na aúrorá da vida vio luzir uma estrellá entre muitas, com brilho, não sabendo se mais vivo, mas que tal lhe parecia, e como tal era a única que o arrebatava, e lhe fazia suggerir na mente vagos lampejos, na alma estranhos anhelos, que elle a si mesmo não explicava, mas aos quaes se prendia, como a um talisman querido ! E só, a scismar em seu humilde lar, elle internava-se n'esse vago devaneio, n'esse delirio brando, que o enebriava e prendia a seu pezar, e que para elle era *tudo e nada* !

E amou essa estrellinha,
Que p'ra elle se sorria,
Deu-lhe sorrisos d'infante,
Vida, amor lhe promettia !

II.

Ao despontar da razão, quando se lhe iam ordenando as ideias, quando sua alma, sahindo do embrião, começou a analysar, elle internou-se no mundo, e começou a ver os homens e a studia-los. Surgio-lhe uma como ambição vaga e sem alvo, e elle olvidou no turbilhão social a estrellá querida da infancia ! Illudio-se, inexperto, no meio das illusões mundanas ! Amou... amores que elle mesmo julgava verdadeiros, mas que depois, assombrado, via fugirem-lhe e passarem, qual sombra que não deixa vestigio no solo em que se projectou ! E a si mesmo accusava-se !...

E olvidou a estrellinha,
Que na infancia lhe sorria,
Vagos delirios da mente,
Quando amor lhe promettia !

III.

Quando chegou o tempo das desillusões, e despertou-se-lhe a saudade da placida infancia, lembrou-se da estrellá

querida, e vicia no mesmo ponto fixa, radiante, e a sorrir-lhe sorriso de perdão !.. Prostou-se...

E amou o astro bello,
Que na infancia lhe sorria,
Jurou-lhe amor, amor firme,
E então já não mentia ;
E foi p'ra sempre olvidada
Breve inconstancia d'um dia !
Sorrisse o Bardo... era EU !
Sorrio-se o astro... era ARMIA !

A.

A EDUCAÇÃO MORAL.

*As mãis são as primeiras que se
podem fazer escutar de seus filhos.*

Platão

Que a quadra mais melindrosa da vida da criança seja aquella, em que ella apresenta os primeiros raios de aptidão para receber a educação moral, he fóra de toda a duvida ; pois este he o tempo em que se deve empregar todos os esforços possiveis afim de insinuar-se-lhe os principios, que tem de graduar suas acções, quando ella achar-se entregue á si mesma.

Ora, se, como o demonstrámos no nosso primeiro numero, a amamentação não deve ser dada senão pela propria mãe, para d'est'arte evitar-se consequencias bem nocivas, consequencias que mais directamente affectão ao physico, por maioria de razão he de rigoroso dever, que a educação moral seja presidida em todos os seus turnos pela mesma mãe ; porque aqui tendo a criança de desenvolver hum caracter, por onde ha de ser modelado o seu procedimento para o futuro, ha mister de quem, conhecendo-lhe a compleição e o humor dominante, estude accuradamente suas sensações, d'ellas se apodere e dirija-as convenientemente, de sorte que plante em o seu verde animo as sementes de todas as virtudes, civicas, religiosas e domesticas, que tem de fructificar a seu devido tempo.

E quem, sim, quem se não huma mãe — esse ente cuja devotação não ha termos, que a exprimão em o seu todo — es-

se como *iris* que sempre annuncia a solicitude divina pela sua obra prima — reunirá em si as condições aqui propostas, se penetrará cabalmente d'esta difficil e ao mesmo tempo dôce tarefa?

Talvez nos apontem o pai como tendo tanto interesse no seu bom desempenho, quanto possa ella ter. Não seremos nós que discordemos d'este pensar, nem d'elle declinamos os nossos respeitos; mas cumpre que façamos algumas justas observações.

Vejamo-las.

O pai he por certo tão interessado na bôa educação do filho como a mesma mãe, seus deveres não são mais limitados que os d'esta, e os vinculos de sangue que reciprocamente prendem estas duas creaturas ao filho, por via de regra não afrouxão n'huma, dobrando em forças n'outra; portanto he mesmo de rigorosa obrigação natural, que para ella coopere o pai. Mas como quer que se applique á occupações, que muito o distrahem do domestico, que lhe difficultão esse habito necessario, continuo e commum, havido entre o filho e a mãe, a sua intervenção seja com a assistencia de cuidados compativeis com a sua posição, e de assizados conselhos, subordinando-os comtudo á experiencia da esposa; que pela especialidade em que se acha, conhece melhormente o terreno cujo cultivo tem de realisar.

E se não obstante todas estas conveniencias apontadas, se não obstante a manifesta preeminencia da mulher relativa ao desempenho desta tarefa, se olvidando em fim tudo isso, intenta o pai impôr suas extravagancias, e ideas inconciliaveis com a educação moral e pratica, d'esta invasão vem a nascer males incalculaveis, de que será o filho a victima inculpada; porque d'esta maneira contrariada a mãe, nota distincto escriptor, nunca mais poderá seguir methodo fixo; e o menino, cujos sentidos começarem gradualmente a aperfeiçoar-se, não deixará de perceber a desunião, e guardar d'ella as impressões, que forem mais favoraveis aos seus pequenos appetites.

As razões até aqui produzidas levão-nos a concluir de plano e irrefragavelmente que a mãe, em virtude do intimo contacto estabelecido pela criação do filho, he a pessoa naturalmente talhada para em su'alma ir gravando os principios da educação moral com a proporção conducente e gradual do desenvolvimento de suas faculdades.

(*Continua*)

WITRUVIO



NOVELLA.

AS LAGRIMAS DE AMOR.

I.

*Carêço de ti, meu anjo.
Carêço do teu amor,
Como da gotta d'orvalho
Carece no prado a flôr.*

G. Dias.

Entre todos os zagaes das cercanias de... á semelhança da canna aquatica que se bresahe ás demais plantas marginaes, occupava o primeiro lugar tanto em dotes do corpo como d'alma o joven Adozindo, de sorte que nunca aquelles contornos se haviam espêlhado n'hum mancêbo tão completo.

A mais d'huma nympha das que adornavão seus patrios campos, a gentileza do seu physico casada com suas maneiras amaveis havia ferido no imo dos seus affectos; mas d'ellas nenhuma ainda podêra quebrar-lhe a isenção! Di-lo-hieis o Deos alado reproduzido tal, qual o vimos outr'ora na ilha de Calipso ateando em todas as nymphas a flamma d'amor.

E será a indiferença por ventura caracter da belleza? Ella que he tão bem symbolisada na lindissima flôr de Venus, aos seus adoradores só offerecerá os espinhos havidos n'aquella, sem que nunca lhes permita a fruição das suas ineffaveis emanações? Oh! não, que os Narcizos afinal tambem amão... e amão com extremos além de qualquer descripção possivel!

— A insensibilidade ao amor he oriunda da falta do individuo, que se deve amar. —

E pois livre dos grilhões d'amor, na taça do prazer apenas hauria Adozindo a parte de nectar que contém a vida, sem lembrar-lhe a outra de absinthio — no seu viver de felicidade nunca lhe veio á mente, que hum dia elle teria de nutrir-se com o veneno do infortunio, que lentamente havia de extinguir-lhe as potencias vitaes! E para seu mal esse dia alfim raiou... e tão bello, tão matizado de graças, que dirieis antes ser precursor da sua ventura, que do seu desespero!

Notina, a nobre filha do castellão de... a mimosa flôr que viçava sob a branda athmosphera d'amor paterno, era de tão peregrina pulchritude, que vê-la era morrer d'amores. — Adozindo vio-a, e não pôde deixar de ser estranho ao gelo da indifferença que até então sempre o caracterizara... não pôde reagir a influencia dos seus attractivos, cuja força no peito lhe collocou extremoso amor... oh, sim, elle idolatrou-a !...

Então os risos expatriarão-se de seus labios, os puros recreios com que outr'ora se entretivera, erão-lhe agora destituídos da aprazibilidade primitiva... tudo que não era Notina, á seus olhos tornava-se insipido e aborrido !...

Reconhecendo-se indigno de pretender a dita d'haver a posse da sua querida Notina, nem mesmo nutrindo a esperança d'huma correspondencia á seus affectos, este infeliz amante, olvidando o tratamento do seu rebanho, que erradio já não vinha ao aprisco, fugia d'entre os companheiros para sitios ermos, onde á sós podesse dar livre desafogo á sua magoa... aos sentimentos que trasbordavão em seu coração ! onde podesse longe de vistas profanas garvar em duros troncos, em alcantiladas penedias, estas vozes repassadas d'amor e ternura, extrahidas do adyto do seu coração sempre repleto de vivas emoções.

Notina, bem da minha alma,
Prazer do meu coração,
Tem piedade... ouve, attende
A voz de minha paixão :

« Quem dera não soffrer
« De Notina agor não !

« Pomposos brasões não tenho,
« Nem venho d'alto solar.
« Tenho hum puro coração,
« Que te sabe idolatar.

« Oh ! vem, meu anjo,
« Vê-lo te amar !

E assim o triste penando entre amargas afflicções, via lentos escoarem-se os dias, os quaes sem nenhum respeito á sua profunda dor, magestosamente preenchião a sua ordinaria carreira.

Mas o amor sempre cuidadoso em mesclar o doce com o agor, hum momento ditoso ainda lhe destinava... hum momento de infindo prazer, ao qual elle sacrificaria a propria existencia, se tal condição lhe fosse préviamente imposta.

II.

*Ai ! valei-me, Allah ! valei-me,
Que mal posso co'a alegria ! —*

J. da S. M. Leal Junior.

N'esses heroicos decantados tempos d'outr'ora costume era de serem as montarias o favorito divertimento dos grandes. — Lá sae do alcaçar do castellão de . . . numerosa cavalgada, composta de nobres damas e gentis-homens ; ornada das armas da casta Diana, Notina airosa monta ardente haca-néa, e todas as suas lindas companheiras igualmente paramentadas, á seu lado marchão jubilosas e folgasonas, ora estimulando os ginêtes á carreira, ora sofrendo-lhes o impeto — dirieis hum terço d'Amazonas conduzido pela sua formosa Rainha.

Em breve de vista perdendo o alcaçar, ganha a cavalgada os montes, e por elle se divide em todos os sentidos á procura da veação : o relinchar dos corceis e os latidos dos librêos para logo na amplidão do espaço fôrão confundidos. Mas logo depois sôa á hum angulo da floresta estridente clarim, dando o venatorio signal para que todos apertassem o cêrco, visto a presa querer evadir-se — o aviso he seguido com admiravel presteza, e o cêrco torna-se mais apertado.

Fortemente acossado da matilha, corria aquelle espaço em todas as direcções desesperado javardo ; que á grandeza descommunal reunia o furôr proverbial do da Calidonia : tinha as cêrdas hirtas, as ventas em extraordinaria intumescencia, e os olhos nadando em chammas.

Mais de hum librêo tinha sido posto fóra do combate, ferido pelos seus aguçados incisores ; e os demais pavidos já não ousavão muito approximar-se-lhe : e elle que tanto procurava desenvencilhar-se dos caçadores, pôde-o alfin conseguir de novo tomando o mato de sorte, que só Notina vendo-lhe a direcção, seguira após seus passos. Sem embargo, tendo-o sob o seu alcance, não trepida d'acommettê-lo : com espantoso desembaraço e electrica rapidez vibra-lhe o pont'agudo dardo contra o encaixe da cabeça — negro sangue espadana da ferida, o javardo como que cae das mãos ; e quasi proximo á baquear, cobra novos alentos, e accêso em furôr ingente vira-se instantaneamente contra a virgem, cujo palafrem espantado por este não esperado movimento, empina, volta açodado, e despedindo em rapida carreira, deita ao chão sua mimosa carga semi-desfallecida !

Ei-la pois exposta á sanha do javardo . . . oh, ei-la victima da sua varonil intrepidez ! . . . E ahi não haverá hum braço assaz vigoroso, que a roube á essa cruel e irremissi-

vel morte ? . . . Mas ella era de toda a companhia segregada ! . . . oh ! só Deos ora valer-lhe poderá.

E quando o sévo javardo n'ella ia dar pasto á sua vingança, saciando a raiva de que era dominado, rapido golpe dado por forte braço destemido prostra-o sem vida junto a Notina; que para logo erguendo-se saturada ainda de medo, e lançando á roda de si desvariado olhar, depara com o salvador de seus jovens dias á seus pés balbuciando palavras de intenso amor.

Era Adozindo !

Notina, qual lindo botão de mogorim, em cujo calix o beija-flôr não tem ainda feito libações, colhendo-lhe as primicias nectareas, não experimentara em seu igneo peito a estada d'esse sentimento exclusivo chamado amor — até agora ninguém ainda participara dos extremos de sua inextinguivel ternura. E pois, sentindo-se impressionada d'hum modo ignoto, sem poder pronunciar sequer huma palavra, que lhe morria nas fauces, apenas teve forças para abandonar-lhe linda mão de jasmim alvi-nitente, que Adozindo embevecido cobre de ardentes osculos. — D'essa maga fusão de duas almas irmãs filtrava o quanto he dôce sermos amados !

Pouco depois atrôa de novo aquella rotundidade o som do clarim, tirando-os do amoroso abandono, em que mollemente se tinham deixado cahir : revocados á realidade, que o maravilhoso phantasiar d'amante havia coberto com o seu manto de fingidas fruições, Notina faz-lhe ver, que era mister ir ajuntar-se á companhia, que por ella já devia nutrir justos receios — com solicitude mesclada de tristeza Adozindo consegue a apprehensão do corcel, pondo-o á disposição da amante ; que entre pesarosa e acanhada tira do torneado dedinho custosa prenda de esmeralda, que lhe fôra dada por sua carinhosa mãe ao exhalar o ultimo suspiro, e introdu-la no tostado dêdo d'Adozindo, extraindo de seus labios este dulcisono fallar só d'amor sabido :

Esta prenda seja symbolo
De verdadeira amizade :
Ao nosso amor ella ligue
Constante fidelidade.

E calvagogou o corcel : e, qual rapida gazella, breve se sumio á vista do zagal cuja alegria morrêu d'est'arte ainda em flor ; bem semelhante ao mimoso lirio que mal começava a desenvolver sua vegetação, quando damninho insecto o corta pela raiz.

Assim, ei-los unidos por os adamantinos liames d'hum amor reciproco, graças á essa magica voz de coração, que

aplaina desigualdades facticias inventadas por louco orgulho! graças á esse sentimento de singular magnitude, cuja religião tem os corações por altares.

Depois que se retirara a amante, Adozindo ficou ainda plantado no mesmo lugar e na mesma posição, com as vistas immoveis... fixas na direcção que levára a sua Notina — parecia o procrispto grimpado n'hum rocha d'erma praia contemplando repassado d'amarguras o ponto, em que se nivelára com o horizonte o baixel, que o vomitara n'aquellas estranhas e talvez inhospitas plagas — assim sahio d'esse torpor em que estavam abysmadas todas as suas faculdades; duas lagrimas pendêrão por algum tempo de seus lindos olhos d'um negro lusidio, sulcárão-lhe depois as moreno-roseas faces, e perdêrão-se para logo nas suas vestes, como a gotta do orvalho, que, cahida em arida terra, em continente he absorvida

Dar-se-hia, por ventura, que n'hum livro tão lisongeiro como o seu presente, elle com infusa penetração descobrisse hum porvir de lagrimas e dissabores?

O que elle tinha na mente, só Deos e elle proprio o soberão; mas o certo he, que n'esse dia regressou ao casal sombriamente envolvido n'hum apparente serenidade, que pouco casava com o estado d'amande correspondido.

— Collocados em extremos opposto, que se repellem e se excluem, poderião elles hum só momento nutrir a consoladora esperanza de hum dia ser hum de outro?!

(*Continua.*)

WIT RUVIO.

POR MEU DEUS — POR MINHA AMADA

*No silencio do amor e ventura
Adorando-te, oh! filha dos ceus,
Eu direi ao Senhor: tu m'a deste;
Em ti creio por ella, oh! meu Deus!*
(*Alex. Herculano.*)

Eu vivia sobre a terra
Como quem sobre ella erra
Para descrer-te, oh! natura...
Em vão meu peito arquejava —
Lyra e voz, se as eu vibrava,
Era o canto — desventura!...

Poeta — minh'alma ardia
Por encontrar a magia
Que a prendesse ao mundo vão —
Que lhe ensinasse que a vida
Não era coisa mentida,
Não era dura illusão...

— Encontrou ! é meiga estrella
Que brilha pura e singella,
No céu do meu Maranhão —
Lá nesse céu anilado,
Onde o ar tão perfumado
Embriaga o coração.

— Meiga virgem ! ... seu trajar
Era mimoso — sem par,
Como a sua formosura :
Roupão de neve vestia,
Fita de perola o franzia
Na vaporosa cintura.

Vi-a nessa hora da tarde,
Em que já o sol não arde
Nem sobre o cume da serra —
Hora que eu hoje amo tanto,
Em que eu acho tanto encanto
Em tudo que o mundo encerra.

Nessa hora duvidosa
Em que a terra tão saudosa
Se envolve em magico véo —
— Vel-a assim como uma fada
Como uma sombra inspirada,
Como um anginho do céu...

Ver-lhe o rosto tão sereno
Desse divino moreno,
Desse moreno qu'eu sei —
— Mimosa côr qu'eu sonhava,
Mas que jamais encontrava,
E que só nelle encontrei...

Ver-lhe os cabellos compridos
Em negros cachos caídos
Sobre esse collo qu'eu vi —
— Collo gentil qu'eu buscava
Por onde — saudoso — errava,
E que achei onde nasci...

Ver-lhe os olhos tão formosos,
Lindos astros luminosos,
Emprestando a luz aos meus —
— Olhos qu'eu — cego — idejava,
Doce luz que me faltava,
E que achei nos olhos seus

Ver por sob a nivea veste
Arfar-lhe o seio celeste
Em suave ondulação —
— Tão suave — que mostrava
Que a poesia lhe occupava
Pensamento e coração . . .

Ver-lhe os labios tão divinos
Como os della purpurinos,
Humidos só como os della,
Rematando em rosea linha,
Que encontrava uma covinha
Em cada face da bella . . .

Ver-lhe o riso divinal
O cofre abrir de coral,
O cofre dos labios seus —
Arrebatá-los o riso,
Desenhar o Paraizo
Aos olhos d'impios atheus . . .

. . . Meu Deus ! meu Deus, foi bastante !
Olhar por um só instante
Tão donosa perfeição,
Foi tua mão conhecer,
Foi adorar teu poder
Prostrado humilde no chão

Já não vivo sobre a terra
Como quem sobre ella erra
Carpindo a sorte pesada ;
Hoje a vida tem sabor,
Abrazada em santo amor
Por meu Deus — por minha amada.

P. W. Cantanhedé,



O SENTIMENTO EROTICO.

(AO MEU AMIGO L. R. S. SOBRAL.)

Chara Tircéa mimosa,
Tu abriste a terna flôr,
Que no vergel de meu peito
Esparge aromas d'amor.

Como te amo !
Como és bella !
Como encantas,
Oh donzella !

Ah ! não queiras pois hum dia,
Como o crestador suão,
Roubar da flôr a fragrancia,
Matar-lhe a vegetação.

De teus labios
Meigo rizo,
Dê-me sempre
O paraizo.

Desta flôr compadecida,
Não queiras morte lhe dar.
Depõe raivas . . . finge ao menos
Amores tambem provar ;

Pois he dôce
Ao desprezado,
Ter a vida
Do enganado.

Que ! . . . adornão graças tantas
Hum peito que não s'inflamma,
Hum peito de dura penha,
Hum peito qu'a ninguem ama ? ! . . .

O proprio núme
Da formosura,
Jamais mostrára
Tamanha agrura.

De ti remove, oh Tircéa,
Tão insolita esquivança ;
Recebe os doces grilhões,
Que sorrindo Amor nos lança.

WITRUVIO.

AMORES.

(**N'UM ALBUM.**)

Houve tempo em que meus olhos
N'outros olhos se imbeberam,
N'outros olhos que em meu peito
Doces chammass accenderam.

Houve tempo em que meus labios
Por outros labios roçaram,
Outros labios, onde esp'ranças
Entre risos me acenaram.

Houve tempo em que contente
Provei terno, ardente amor,
Crendo ser o bem, que amava,
Lindo archanjo do Senhor.

Mas depressa vi sumirem-se
Os encantos da illusão,
Conheci que eram perdidos
Os extremos da afeição.

Conheci que os meigos olhos
Me enganavam traiçoeiros,
Quando frouxos de ternura
Me attrahiam feiticeiros.

Conheci que os doces labios,
Onde as graças se aninhavam,
Entre beijos fervorosos
Falsas juras me juravam.

E em sentidas, brandas notas,
Que arrancou-me a ingratidão,
Cantei n'harpa as duras magoas
De meu triste coração.

Hoje sinto dentro n'alma
Apagado o antigo ardor :
A bellezas d'outra especie
Consagrei o meu amor:

Hoje adoro a varia nuvem,
Das estrellas o candor,
As aragens passageiras,
O voluvel beija-flor.

Amo a flor' que esconde o aspide,
Amo o cardo montesinho,
Amo a vaga perigosa,
O volatil passarinho.

— Que si a rosa occulta a serpe,
Não n'ó sabe, coitadinha !
Nem o fel de traições negras
Nutre o peito da avezinha.

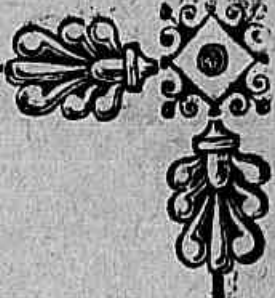
Muito embora a vaga incubra
Fundo abysmo atterrador,
Nem por isso da innocencia
Perde a vaga a eterna côr.

Si do cravo ao lyrio vôa
N'um momento o beija-flor,
Segue a lei da natureza :
Tal seu fado, e seu amor.

Mas no labio, quando mente,
Vem o fel do coração,
Que comsigo ri contente,
Folga conscio da traição.

Já não quero amar na terra
Quem me possa amar tambem ;
Hei jurado amar sómente
Quem não possa amar ninguem.

J. DA C. RIBEIRO.



BELLO SEXO,

PERIODICO

LITTERARIO E RECREATIVO.

Il est doux de trouver dans une épouse chère
Des arts consolateurs qui sachent nous distraire.

Casimir Bonjour.

TOMO I

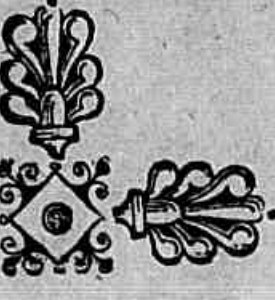


Ns. 5 e 6. — Setembro e Outubro de 1850.

PERNAMBUCO,

NA TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA.

1850.



VENTURAS E DISSABORES DO ESTADO CONJUGAL

(*Ao meu amigo A. Witruvio P. Bandeira e A. de Vasconcellos.*)

A sociedade conjugal é por sem duvida a principal entre todas as sociedades. O amor deve ser seu fundamento, a fidelidade seu garante, a condescendencia seu sustentaculo, e a educação dos filhos seu fim capital.

(*Anonymo.*)

Para ambos os sexos o primeiro arrebol da juventude, o primeiro passo n'essa ponte mystica que medeia entre a infancia e a puberdade, é precursor approximado de vagas aspirações e anhelos, que pelo andar do tempo se vão desabroçando e desenvolvendo, em ordem a claramente distinguirem o alvo a que tendem.

Mesmo quando o homem, envolto em sonhos de gloria, embalado em campos de batalha, começa sua vida em uma atmospheria de fumo marcial, alimenta seu espirito com as harmonias das espadas, escudos e canhões, e depois por entre esse encapellado viver sóbe ao fastigio da gloria, ou desce aos escabrosos antros da desventura e povôa sua alma de atroz pensamentos — mesmo quando a mulher, como uma Roland, sente em si o genio indagador e do estudo, e se interna na aridez das bibliothecas, e quer dar-se scientificamente a rasão de tudo, quer usurpar todos os impulsos do coração para constituir rainha a intelligencia, — mesmo o homem dos campos, na lisura de seu espirito, — mesmo a recatada donzella, na innocencia de seu paterno e desconhecido lar, — todos com surpresa e alegria, com prazer e susto sentem alvorecer-lhes a quadra, em que reconhecem um vazio n'alma, uma lacuna a preencher, e esta lacuna se preenche, quando vem a luzir o sol vivificador, a visão de obscuros sonhos, o fuzilar de mysterioso santelmo; ou, mais elegantemente, quando surge — « aquella cegueira encantadora, aquelle raio escapado dos céos, fugaz relampa-

25

go dos tempos tormentosos, e felicidade e supplicio : — *Amor!* » (*)

É esta uma palavra magica, que tem echo em todos os ouvidos, vibração em todos os corações; e valerá muito a reproducção de mais algumas linhas do autor proximate citado.

« Pobre e rico, grande e pequeno, pastor e guerreiro, vassallo e rei, tudo o que tem vida sobre a terra, murmura a doce palavra — *Amor!* Portanto, em todas as épocas, debaixo do burel ou da purpura, com cajado ou lança em punho, sobre a rocha ou junto ao salgueiro, cada um terá dito ou dirá : — Eu amo! Brado da terra e do céu, grito da eternidade! »

E o hymenêo é a corôa do amor, é o termo das aspirações do coração, é o paradeiro d'esse doce arrastamento d'alma.... Uma vez ligados dous corações, duas almas, duas vidas, que tenderam sempre uma para a outra, que como que possuiram sempre huma mutua e reciproca influencia attractiva, ellas se fundem n'uma só; e, se aos olhos grosseiros do mundo esses entes identificados são dous, aos olhos de Deus e em sua consciencia elles se sentem uma unidade indivisivel.

Alguem disse que — o casamento era o tumulto do amor; mas não passa isto d'uma opinião individual. Ahi estão os corações sinceros, as almas puras, todos os que sentem no peito a easta chamma d'um amor desinteressado e nobre, para responderem, que a reciprocidade de gozos e soffrimentos, a communhão do rir e do chorar, da dor e do prazer, só pôde levar o arrefecimento e o tedio ás almas corruptas, aos corpos sem espirito; que o joven ardente e sincero, a donzella casta e innocente, jamais sellarão esse aserto...

A união conjugal é a base da felicidade individual e geral, pois a familia é o mais forte laço social, um garante d'ordem, um penhor do futuro.

Quanto aos individuos, quando dous, que vivem n'esse estado, estão ligados pelo vinculo do amor, e não pela cadeia sordida do interesse, conveniencias e caprichos; quando, dizemos nós, estão ligados pela reciprocidade do amor, e tem fundido seu sentir, querer e entender; quando entre elles se dá perfeita communhão de prazeres e magoas, de gozos e desventuras; quando finalmente de tal modo se teem identificado que cada um se considera metade do todo, que ambos juntos realisam, para elles está completa a felicidade na terra. Unidos, elles se consideram reciprocamente metade d'um todo, sentem a ventura da convicção, que teem na terra um

(*) Visc. d'Arlincourt — *Enguerrand*.

semelhante, que ri seus risos, chora suas lagrimas, goza seus prazeres, soffre suas magoas; — um ente, que vai chorar sobre a lousa de nossa sepultura um pranto aljofrado e puro, que, mesmo na Eternidade, talvez tenhamos desejos de deeer a colhê-lo; um ente que nos fica representando na terra, e que, ao desprender-se d'esta, deixa-a com o sorriso nos labios, pela ideia de ir encontrar-nos!

Os dissabores, que os homens *practicos*, ou antes os materialistas, com o pseudonymo de philosophos, querem descobrir no estado conjugal, e que symbolisam por formulas grosseiras, nada mais são, que um attestado da frieza e egoismo de seu espirito.

Por ventura, esses mesmos dissabores, que elles tão materialmente figuram, — como educação dos filhos, necessidade de grangear meios, etc., não envolvem venturas? Não será doce ao esposo terno, ao pai dedicado, devotar suas fadigas e trabalhos á sua esposa e filhos, e vê-los bemdizendo e beijando a mão, que carinhosa os ampara?

— E offusca isto o brilho das felicidades, que nos representa o quadro do estado conjugal?

Demos mesmo, que um homem, por ter abraçado este estado, soffreu o que não soffreria se tal não tivesse feito.

Que importa?

« Uma vida sem contradicções, é um mar morto » disse alguém.

O homem não veio ao mundo representar o papel do egoismo; e a isolação por calculo seria um egoismo.

A tendencia de um para outro sexo não falha em ente algum animado.

A união conjugal, baseada no amor, é uma fonte de venturas. E quando mesmo circumstancias materiaes ou eventos, que ninguem póde prever, lhe dão consequencias funestas, os dous entes assim ligados, acharão um no outro lenitivos e forças para, affrontando os revezes, descerem abraçados á campa, com um sorriso de ventura nos labios.

A.

DEVERES DA MÃE DE FAMÍLIA.

A mulher tem, assim como o homem, deveres sociaes e religiosos; mas além d'estes tem a mãe de familia deveres *maternaes*, que dão á mulher um poder, e uma importancia

acima de todos os homens. Sim, é tal a influencia da mulher sobre os homens, no que diz respeito á educação dos filhos, que com muita razão disse Rousseau: « os homens serão sempre aquillo que as mulheres quizerem que elles sejam. » E' a mulher que guia os primeiros passos da criança, apenas ella principia a forma-los, é a mulher que lhe dirige, e fórma o coração, infiltrando-lhe n'alma doce bafejo de innocente e puro amor, e fazendo-a beber as singelas e santas doutrinas herdadas de seus avós, que ella com religioso cuidado soube guardar em seu coração; e quando o filho já adulto encontra um pai severo, e caprichoso, é a mulher ainda, que suavisa os amargores que elle soffre, com a pratica de salutaes conselhos, em que lhe recommenda obediencia e resignação. Da boa ou má educação, que a mãe dá ao filho, quando menino, é que depende o bom ou máo caracter do homem, e por isso compre que as mulheres sejam bem educadas, para que conheção devidamente toda a extensão e a sublimidade do encargo de educar os filhos, porque só assim estes poderão vir a ser bons cidadãos, e amigos da sua patria. Não é da missão da mãe de familia o empregar o seu tempo na leitura de romances que, muitas vezes, em lugar de instruir e moralisar, corrompe e vicia o espirito; nem o de estar cravada em uma janella noite e dia, analysando a quem pela rua passa, zombando d'este, escarnecendo d'aquelle; não: a missão de uma matrona é mais sublime; é zelar, e velar na educação physica e moral dos filhos, cuidar no serviço domestico, e distribui-lo convenientemente. Mas para que uma mulher possa preencher restrictamente os encargos de uma boa mãe de familia, é necessario primeiramente que ella tenha sido boa filha, e boa irmã — como filha, que tenha obedecido religiosamente a seus pais — como irmã, que tenha amado ternamente a seus irmãos. Ah! que se todas as mulheres soubessem comprehender a alta missão para que Deos as destinou n'este mundo, então a terra seria um paraizo, e os homens os anjos d'esse paraizo. Mas a barbaria, e a corrupção dos seculos passados só olhava a mulher pelo que ella tem de mais precario e transitorio — pelo lado material, porque enfim assim se fazia mister para a sustentação dos despotas, e tyrannos da terra; hoje porém, graças ao espirito do seculo, já se vai encarando a mulher pelo que ella tem de mais sublime, e santo — pelo lado moral. « A mulher, diz João de Lemos, é o elemento mais poderoso da ventura social, a mulher moral é o elemento dos elementos » — e Castilho define a mulher moral — o infinito. A belleza physica, é verdade, encanta e embriaga os sentidos; mas essa, como disse Bocage,

Da pallida mão da enfermidade,
O mais ligeiro toque a desfigura.

Entretanto que a belleza moral permanece ainda mesmo além da campa. A ternura, os affagos, a docilidade, e os carinhos de uma mulher de espirito jamais se apagarão da memoria d'aquelles que a ouviram e a apreciaram.

L. A. Pessoa.

A EDUCAÇÃO MORAL.

(Continuação.)

Incumbindo pois á mãe o lançar os primeiros alicerces da educação moral, é de summa necessidade que ella proceda n'esta tarefa de modo, que com seus desvelos e esclarecida prudencia evite essa indocilidade caprichosa, que de ordinario apresentam em suas acções aquellas crianças, cujos primeiros instantes forão infelizmente negligenciados; é de summa necessidade, repetimo-lo, que se ella convença, que do emprego de esforços ou da omissão d'elles vai depender a vida futura do tenro fructo do seu amor, cuja felicidade ou desventura terá por consequente de sobre ella reflectir, de sorte que, com a felicidade do filho, será ella feliz, e com a sua desventura, virá por sem duvida a partilhar dos dissabores que lhe são associados; pois que é o coração de mãe a corda sympathica, que tanto é dedilhada pelas fruições, como pelo soffrer do filho.

E' sabido por todos, que na primeira idade da criança nenhum desenvolvimento apresentam ainda a memoria e a imaginação; n'este estado de inercia, a sua attenção não é solicitada senão pela acção externa dos sentidos, vindo d'estarte a serem suas sensações os rudimentos primordiaes dos seus conhecimentos; portanto, á boa mãe importa levar o filho pela imitação a apropriar-se dos principios que lhe quer gravar n'alma, fazendo-o sentir a ligação immediata das suas sensações com os objectos que lhes derão occasião, na doce certeza de que, si no começo automaticamente é que d'elles se elle apossa, ao depois o fará por discernimento.

Esta obediencia pela força do costume, observa o dis-

incto escriptor já citado, adquirirá de dia em dia novos degraus de perfeição, até que chegando emfim a rasão a fazer-lhe conhecer as suas leis, lhe faça d'ellas uma obrigação, da qual lhe dê a conhecer e a gozar todas as vantagens.

Immensa é por certo a força do habito sobre o homem, tão palpavel é ella que geralmente se diz o habito ser uma segunda natureza.

E pois, si com as lições do bem pôde-se realizar a correção de defeitos até nascidos do temperamento, por identidade de rasão, com a negligencia d'ellas, podem nascer grandes vicios, crescerem e vigorarem por maneira tal, que venha a ser inefficaz e tardio o cuidado empregado com o fim de erradicá-los.

« Eu acho, di-lo Montaigne, que os nossos maiores vicios principião a sua inclinação desde a nossa mais tenra infancia. E' para as mãis um divertimento vêrem uma criança torcer o pescôço a um frangão, e arremessar-se para dar n'um cão ou n'um gato; e ha pai tão nescio, que toma a bom agouro d'uma alma guerreira, quando vê o seu filho dar punhadas insolentemente em um rustico, ou n'um laçao que se não defende; e a galhardia, quando o vê amofinar o seu camarada com alguma manhosa traição e embuste. Estas são todavia as verdadeiras sementes e raizes da tyrannia, da deslealdade; ellas se gerão então, e crescem depois livremente e se vigorão á sombra do costume. »

Esposamos no todo a opinião do celebre escriptor do seculo XVII, o cunho de irrefragavel verdade a caracteriza, para que d'ella não declinemos o nosso assenso. E com effeito, é muito natural o amor dos pais ao filho; mas ninguem deixará de convir em que seja rematada loucura, que á sombra d'este amor lhe permittão cegamente a practica de todos os seus desejos e fantasias, assim costumando-o a ser imperioso e turbulento, sem conhecer nunca um obstaculo á seus caprichos.

E' conveniente, portanto, sobremaneira que a mãe, penetrando-se de que é esta a idade adequada á facil recepção dos germens de uma sã educação, fazendo conhecer ao filho a necessidade continuada de cuidados que demanda a sua fraqueza, e mostrando-lhe de modo insinuante a dependencia em que o põe o não-desenvolvimento de suas faculdades, fuja á um proceder abusivo do verdadeiro character do sacerdocio paternal, que além da desgraça da vida inteira d'um individuo, arrasta após si a deshonra d'uma familia.

Com este methodo facilimo esteja certa a mãe carinhosa, que sempre terá o filho docil ás suas determinações; que vê-lo-ha solícito sempre procurar ler na expressão de seu semblante o valor de seus actos, de sorte que prompta emenda seguirá a reprovação, assim como da approvação nascerá

o estímulo de continuar bem merecer-lhe. Sacrificai na primeira infancia, diz Rousseau, um tempo que haveis de recuperar com usura n'uma idade mais avançada. O medico prudente não receita atroadamente a primeira visita, mas antes de lhe applicar algum remedio, observa a compleição do enfermo; começa mais tarde a trata-lo, porém cura-o; ao mesmo tempo que o medico muito açodado o mata.

Witruvia.

UM ANJO.

Se alguma vez estudastes essa numerosa porção da especie humana que é o principio de quanto praticamos de bem, e de mal também, que resume em si o brilho de todas as estrellas, o perfume de todas as flores, cuja voz é como um écho de todas as harmonias da criação, cujo rosto é o typo de toda a belleza creada, a quem maldizemos, praguejamos e amaldiçoamos, e que procuramos sempre, e que sempre nos acompanhão doces, affaveis, bondadosas, sem que as más palavras as irrite de uma vez, sem que os más tratos as amedrontem — direis também comigo, que a mulher é um anjo.

E' anjo de amor e de bondade, que nos entretece os raros fios de seda que nos correm na tela da vida, a voz que nos anima quando desacoroçoados, o seio onde pousamos a cabeça nos dias de fadiga, a mão que nos enxuga as lagrimas corrosivas do desespeo nas horas do soffrimento, que nos allivia as magoas, e redobra os nossos prazeres, compartilhando-os connosco. Adão no paraizo sentiu o vazio da existencia, e procurou-a a seu lado, porque sem ella não ha na vida, nem prazer, nem esperanza, nem cousa que mereça menção honrosa. O que é, pois, a mulher senão o anjo da nossa guarda, e o pharol da nossa existencia?!

Condemnada a soffrer dobradamente por si e pelos outros, victima de todos os nossos erros e caprichos, que tão mal recompensadas são dos seus extremos, é um meteoro rapido que passa pelo céu nublado da nossa vida, esclarecendo o presente, e mostrando-nos o caminho do futuro. Segui-a passo a passo desde que nasce até que morre, e vereis que

nunca se desmente a sua inalteravel bondade, a sua dedicação sem limites.

Menina ou moça, na idade madura, ou na decrepitude, é sempre o anjo da dedicação, cuja vida cifra-se inteira em fazer venturosa outra creatura. Quando os annos e os pezares lhe vão roendo a belleza terrestre, que não é senão a manifestação exterior da sua origem divina, ainda lhe fica aquella outra belleza inconsumptivel, que se não deteriora nunca: belleza d'alma que vem de Deos, e só em Deos se acaba. E tão ingenuas que são, sabem quanto valem! que praticão os actos mais sublimes, e os que mais honrão a humanidade, com a singeleza de quem nada mais faz do que cumprir um dever!

Mulheres! mulheres! que sempre tendes um sorriso que vem inteiro do coração, ainda nos tratos do martyrio, ainda no equuleo das dôres, se a sombra de um contentamento nos alegra a physionomia, como nuvem risonha doirada pelo sol no occaso! Que pôde fazer o philosopho senão confessar que mais vale um ai vosso, uma simples interjeição, do que todos os raciocinios de uma sciencia mentirosa!

Crianças — quanto contentamento não derramão no seio de uma familia! como não alegra a sua travessa vivacidade! como não encantão aquellas palavras da infancia argentinas, vibrantes, incoherentes, mas doces como o gorgueio das aves! Feliz, mil vezes feliz o homem a quem Deos outorga a posse de um desses anjos visiveis, por cuja vida o millionario daria seus thesouros, o rei seu throno e os heróes a sua gloria!

Na puberdade — naquella quadra da vida que adivinha e prognostica a estação das flores, quando o coração canta noite e dia como uma harpa tangida por dedos de anjos, quando a alma se abre a todas as impressões, quando os olhos chorão sem motivo, quando o andar remata sempre em passo de dança, e a voz em notas de musica, quando o sorriso acaba em lagrimas abundantes, e as lagrimas em sorrisos interminaveis: nessa quadra. enfim, quando o botão se transforma em flôr, a larva em borboleta, a criança em donzella, que feitiço d'olhos não é vê-la, que alegria d'alma não é ouvi-la! Parece que tambem se nos adelgaça a alma ao espectáculo de tanta pureza, e que o nosso coração se remoja: mas debalde tenta segui-la nas aereas regiões por onde divaga aquelle que já uma vez crestou ao fogo das paixões as azas brancas da sua innocencia!

Mulher — como se nos revela seductora, graciosa e brilhante! joven e formosa como a luz de sol, alegre e sympathica como o romper da alvorada; feliz daquelle que lucrar os seus affectos, que ler em seus olhos, dardejando torrentes de indefinivel ternura, as provas da sua predilecção! Feliz, mil vezes feliz. Corraõ os dias, passem os annos, venhão os

trabalhos, os tormentos, a idade, o tumulto da vida, os prazeres, o poderio, a gloria mesmo, nada poderá arrancar-nos a lembrança de um primeiro amor, de amor de quinze annos, tão cheio de enlevos ! tão extreme de interesse. E' o resquicio de preciosa essencia que nunca se apaga no vaso em que uma vez a depositarão.

Esposa — occupada nos trabalhos domesticos, com a lide innocente de uma vida sem tormentosas peripecias, sollicita pela educação de uma familia que herdará suas virtudes, só pôde ser bem comparada á luz modesta de uma lampada sempre accesa defronte de um sacrario !

Viuva — pallida como a lua, sentimental como um idyllo de Gesner, com os olhos no céu como imagem de uma santa, estatua da dôr espalhando flôres e orações na lapida impiedosa de um tumulo de marmore, triste como os sons de uma flauta por uma noite serena, viva como um sonho da madrugada, queixosa como a agua tepida de uma fontinha : é ainda o anjo, mas o anjo que tem a sua vida no céu !

Em todas as idades, em todas as condições, em todos os estados, quando o halito pestifero de um homem não lhe embacia o limpido e delicado espelho da vida, a mulher é a filha mais nova e a mais querida de Deos — a mais perfeita das creaturas. porque foi a ultima feitura que cahiu das mãos do Eterno, quando elle quiz completar o quadro variado e magnifico das suas maravilhas com a maior de todas ellas.

Z. P.

O CAPRICHÔ.

O capricho é esse falso incentivo, de que as vezes se serve a belleza, para mais estreitar as cadeias que arrochão os pulsos de seus adoradores ; é essa estudada volubilidade, que traz ao espirito d'um amante apaixonado alternativamente o prazer e a desesperação ; quando a sua amada, ora mostrando-se terna, e carinhosa, prodigalisa-lhe todas as doçuras, que dá a posse de um verdadeiro amor, ora desdenhosa, e desapiedada, fa-lo experimentar todos os amargores do desprezo.

Donzellas, vós que fostes destinadas a formar com o homem um só ser ; cuja existencia deve correr tranquilla, e deleitosa, bani, bani d'entre as maneiras de cativar aquelles, que teem feito pulsar o vosso coração todas as que fôrem filhas do fingimento !

Oh! quanto é digna de encomios uma virgem, que, sempre cercada dos prestigios do pudor, e da modestia, sabe com os divinaes dotes do espirito inspirar, e manter um amor digno dos anjos!

R. S. P. Andrade.

A SOZINHA NO MUNDO.

I.

Tu pianggi bella ragazza?
* * *

Só!... sempre só!...
Os prazeres que fogem, os dias que passam, o sol que toca o occaso, encontram-na só... sempre só!...

Pobre e innocente donzella, tuas faces pallidas, teus olhos amortecidos, só te dizem soffrer!... soffrer sem que tuas lagrimas cahião em um peito amigo!

E a virgem, muda, toda entregue á sua dor, vivia vida d'amargura!

Um dia se achou entre uma multidão, respirava o mesmo ar com muitos de seus irmãos; indefinivel sorrir lhe pairou nos labios, e triste que lhe foi esse sorrir d'anjo... illudio-se!... porque em breve essa multidão afastou-se, rarefez-se, e por fim desaparecêo. E ella entregue a seu doce pensar, permanecêo n'esse sitio... depois como que acordando, olhou ao redor de si, uma lagrima cahio de seus olhos, e seus labios soltarão á custo e, com dolorosa inflexão: — Só!... sempre só!...

II.

Pauvre fleur du greve,
Plus pale qu'un reve.
Dumas.

Temerosa nuvem obscurecêo o azulado do céu, destendeo logo seus braços, e cobrio todo o espaço. Os relampagos rasgavão a nuvem com sua fita de fogo, e o rebombo do trovão echoava fortemente.

Chovia.

As ruas de populosa cidade estavam então desertas, porque aquelle que a tempestade encontrára de improviso, acoadado procurara sua habitação, onde aquecia seus membros resfriados.

Uma donzella porém immovel, pallida e bella como o Archango do Senhor, em um campo triste e solitario, cercado de funebres moimentos, em pé, olhava repassada de melancolia para a terra . . . e a chuva cahia por sobre ella, e gotta á gotta deslisava por seus cabellos negros como o ebanho, e brilhantes como o polido marfim.

Enregelada, ella tiritava de frio!

E de seus arrôxeados labios não sahio uma só imprecação . . . um triste sorriso apenas os dilatou . . . e seus olhos então se erguêrão ao céu . . .

— Sempre sozinha no mundo ! balbuciou.

III.

Pallida folha do outono,
Que sopra o euro da morte,
O Christão Novo.

E o sol no dia seguinte surgio radioso, espalhou seus raios animadores sobre a terra coberta do orvalho da manhã, illuminando a fronte de candida virgem, que se desfazia em acerbo chorar — que para tamanho infortunio lagrimas não cessão. Essas lagrimas erão frias e geladas, porque todo o calor no corpo da donzella era breve a extinguir-se . . . porque esse corpo franzino estava gelado, e as ancias da morte se pintavão em todo elle.

A misera com difficuldade pôde chegar-se a um tumulto . . . agarrou-se ao frio marmore, e ajoelhando cahio sem forças, proferindo apenas :

— Minha mãe ! . . . Sempre só ! . . .

E depois já tudo era gelo . . . tinha deixado de existir ! . .

Desventurada, que viveste neste mundo sem uma alma irmãa da tua ; que não tiveste uma voz que respondesse ao teu fallar só dos anjos sabido ; forão os teos primeiros pensamentos e as tuas derradeiras palavras !

— Sempre sozinha no mundo :

Sim, o mundo nunca lhe dêo um olhar de complacencia ; agonisou exposta ás fúrias de desabrida tempestade, em quanto o potentado da terra em frivolidades despendia immensos cabedaes, de que um só óbolo seria sufficiente ás suas precisões ; sim, sua existencia se escoou desapercibida ; mas

Celeste asylo se abriu
Para acolher sua dor ;
Da terra um anjo subio
Para junto do Senhor.

(M. F. R. A)

J. C. LOBATO.

AS DUAS MULHERES.

(Offerecido à Illma. e Exma. Sra. D. * * *)

I

Duas estrellas appareceram no mundo : uma encontrou um céu puro e sem manchas — clara e bella radiou por algum tempo, mas depressa negras sombras lhe escureceram o brilho, sepultando em trevas o mundo. Em o céu assim nublado despontou a outra : ao principio luzindo fracamente, tão vivos raios de esplendor derramou mais tarde, que para logo espancando a negridão em que estava o mundo envolvido, fez ver á humanidade uma luz eterna.

O primeiro astro foi Eva — a companheira do primeiro homem — o segundo foi Maria — a mãe da regeneração humana — porque era mãe de Jesus-Christo.

II

Virgem se offereceu a natureza ao primeiro homem : elle aspirou o perfume das primeiras flores intactas ; bebeu o ar em toda a sua pureza : elle escutou encantado o susurro das brisas, o murmurio dos rios, o fragor das cataractas, o canto dos passaros, o rugido da oceano . . . e vio pasmado as suas ondas arrogantes e ameaçadoras, virem submissas quebrar-se ás suas plantas : tudo escravo, e só elle senhor ! Tantos gozos innocentes . . . e todavia nada d'isto era a sua felicidade. Deu-lhe Deos a mulher, então ebrio de dilicias o homem se deixou levar de seus encantos, e a mulher, que era o elemento de sua felicidade, foi tambem quem o perdeu : sim, porque Deos havia imposto um preceito, de cuja infracção resultaria a miseria de pais e filhos ; mais o anjo máo que se nutre com o vicio, illudio a mulher, que em seu engano arrastaria o homem ; e dest'arte violado o divino preceito, nasceu com a primeira culpa todos os males da humanidade. Soffreu então o mundo . . . Soffria, mas esperava.

III

Deos disse : uma *serpente* derramou o seu fel no seio de uma mulher, e uma mulher com os pés lhe esmagará a cabeça.

Desta promessa se esperava o antidoto do veneno que se disseminára entre os homens. Correu o tempo, e nasceu finalmente essa mulher promettida ; virgem, deu á luz um filho : foi o Homem-Deos.

Ah ! mudou o mundo, porque appareceu a verdade.

Mulher pura entre as mulheres, virgem sendo mãe ! vingaste teus pais e foste a executora das palavras de teu Creador.

IV

Uma mulher trouxe a mancha do peccado á humanidade, outra mulher trouxe o meio de purifica-la ; uma trouxe as trevas, outra a luz ; uma teve um filho para o crime, outra um filho para a regeneração.

Da mulher parte o crime, da mulher parte a virtude.

L. B.

NOVELLA.

AS LAGRIMAS DE AMOR.

CONCLUSÃO.

III

*L'espoir, qui seul soutient l'infortune,
ne pouvait même porter la plus faible lueur
dans leur âme !*

(SEGUR.)

Matizada de myriadas de rutilantes estrellas, no seu carro de puro ebano, branda e insensivelmente marchava a noite após do sol, que attingia o seu occaso ; e Cynthia formosa de pouco em pouco ascendendo no horisonte, vinha por sobre a terra seus argenteos raios despedir, entre balsamicos aromas que de si os zephiros sempre diffundem. No paço do nobre castellão de . . . luzes mil pendentas de soberbos candela-bros inundando-o d'uma aureola radiante, desbancavão a phosphorica irradiação do siagello planeta da saudade : accorde orchestra lá dentro em continuado desafio de ineffavel har-

monia, fazia de prazer estremecerem os corações ; os balcões e o salão eram apinhados de ricas donas e de gentis-homens, que ora deslisavam pelo pavimento de mosaico seus passos em alegre dansar, ora se entretinham em agradáveis e intimas practicas.

Tudo ali era animação, tudo era prazer. — Comtudo, n'esse mago tumultuar de pensamentos encontrados, hum havia acabrunhado de infindos sentimentos — era ella . . . era Notina!

E qual o motivo de tamanha afflicção, que insensível a fazia a tantos prazeres? . . . Oh ! ella fôra mortalmente ferida em os seus affectos, porque d'alta aristocracia he lei constante suppôr tudo á si somenos . . . do plebêo matar a paixão ! E de que fonte, orgulhoso filho do pó, derivas o abusivo poder de esterilizar affectos d'almas congeniaes, creadas com o germen d'huma gravitação reciproca para se unirem ? Houve por ventura na mirifica creação do universo duas Evas para dest' arte ser extremado o fidalgo do plebêo ? Vaidade . . . só vaidade ! . . .

E pois, no altar do imperioso querer de seu pai, ia Notina ser a victima da obediencia filial, holocaustando suas puras affeições ! . . . Ella que se inflammava em extremoso amor por Adozindo, coagida ia a outro dar hum coração, que todo lhe pertencia ! . . . De boa vontade se deixaria levar ao sacrificio, si em seguida não arrastasse o amante ao desespero . . . mas reduzir o escolhido de seu coração a tal extremo, oh ! era-lhe summamente doloroso . . . era hum partir d'alma mui superior ás suas forças . . .

Este esplendido concurso que ali vemos reunido no rico paço do castellão de . . . festejava o odioso consorcio de Notina com hum d'esses jovens titulares que não cuidão em consultar o coração d'aquella a que se vão unir, si a visão por hum prisma especial, que os lisongeia em seu amor proprio, ou falla alto ao sordido interesse, de que então se achão impregnados.

Tinhão todos os instrumentos cessado de tocar, reinava religioso silencio em todo o salão, grande attenção dominava todos os grupos — era que a noiva vencida de instancias ia dar o gosto de ser ouvida.

Nobre e santa practica d'esses tempos já passados, em que a formosa desposada fazia em angelica harmonia resumbrarem os amorosos sentimentos no seo coração nutridos por aquelle com quem se identificára !

E careceremos por ventura descrever o estado de Notina ao cumprir esta formula , para ella d'aborrida etiqueta ? Das mãos do esposo recebe distrahida eburnea lyra, d'onde extrae maviosos sons, acompanhando-os em voz tetrica e sensivelmente abalada d'esta allusiva cançoneta :

Como no prado
Desponta a flor,
D'ella no peito
Nascêo amor.

E sem sabê-lo,
Teve plantado
No peito o mal
Nunca curado !

Almos prazeres,
Dôce alegria,
Seus aureos dias
Embellecia.

Almos prazeres,
Dôce alegria,
Tornou-se em breve
Triste agonia !

Como no prado
Perece a flor,
D'ella no peito
Morreo amor . . .

E esta derradeira palavra morreo nos labios de Notina tão repleta de amargura como o canto do passaro em sombria floresta trinando suas queixas.

IV

Ce troubadour, quel était-il !

(SEGUR.)

Hum trovador ! . . . Este exclamar vencêo o murmúrio d'encomios que gyrava em todas as boccas, assim como os favonios afflando entre as flores. Trovador, ente sublime, quanta devotação destillas tu ! Primogenito d'amor, pois d'elle he coetaneo o desejo de cantar, nutrindo-te sómente d'agri-doces incertezas, em suaves modulações d'affectos saturadas, procuras transfundir no peito do objecto idolatrado tuas amorosas queixas.

Hum trovador tinha assomado no umbral do salão : seus olhos n'hum momento perlustrarão todo o recinto . . . pararão por fim n'hum angulo, estavam fixos em Notina : parecião apoderados do magnetismo animal.

Decorreão obra de dous minutos . . . elle já estava na presença da nobre desposada : inclinou-se respeitoso, lhe ofertando como homenagem o seu formoso mandolim — sensível por demais Notina á esta prova de polida attenção, lh'o agradece, pedindo a dispensasse d'acompanha-lo em inflexão tão repassada de tristeza, que desconcertou a simulada serenidade impressa no semblante do trovador.

Duas lagrimas deslisarão de seus olhos . . . ninguém as vio . . . só Notina as tinha observado ; mas conhecendo elle a sua indiscrição, tomou o mandolim, e dedilhando-o, assim cantou :

Perde o odor, murcha as graças,
A corada ou branca flor.
Tudo muda ou desfallece,
Menos meu tão fid'amor.

Passarinho outr'ora alegre,
Na prisão já soffre dor.
Tudo muda ou desfallece,
Menos meu tão fid'amor.

Venus, Diana no céu
Perdem co' o sol seu pallor.
Tudo muda ou desfallece,
Menos meu tão fid'amor.

Linda Tirce, tudo perde,
Tudo perde seu fulgor.
Tudo muda ou desfallece,
Menos meu tão fid'amor.

Mudará também a sorte
Este teu alto primor :
Inda assim, Tirce, verás
Que não muda meu amor !

— Ah ! perdão, Adozindo ! . . . murmurou Notina, cahindo desfallecida a seus pés.

Grande alvoroço produziu este accidente em todo o palacio, mais ei-lo que lá vai . . . amainou : a desmaiada tornára á si do deliquio, e todos havião volvido ás suas anteriores posições, menos o noivo e o trovador que do salão havião desaparecido, sem que fossem vistos, nem o por onde tinham seguido.

V

*Le simulacre de l'affliction ne s'incline
pas sur la tombe, l'affliction elle-même
y deplore la perte prématurée.*

(LORD BYRON.)

Nove dias haviam decorrido após esta occurrencia, e ou-
tros tantos já fazião que a bella Notina era viuva, e estava
orphan do unico amor, que em seu coração nascêra, e tão for-
tes raizes ahi disseminára! . . . porque terrivel certame-
nte se votavão reciproca antipathia; e assim forão no leito do
sepulcro dormir o somno da morte, ainda no despontar da
aurora da vida!

E ella que como a florzinha inclinada do pedunculo, se
avergára sob o peso da sua dor, por huma d'essas reacções da
sensibilidade moral sobre a physica, ei-la que ahi vai pallida
como a lua, que do firmamento derramava sobre a terra me-
lancolico luar, ás horas mortas da noite em busca do sitio,
em que outr'ora fôra roubada ás garras de violenta morte, e
protestára viver para quem lhe dera nova vida . . . ei-la,
sentimental como as maviosas modulações da flauta tocada
por entre a quietação d'alta noite, sem se apavorar com o hor-
risono piar d'agoureiras aves, que de espaço á espaço reper-
cutia naquelle lugar, já prostrada á sombra d'annoso car-
valho, ante funereo moimento simplesmente fabricado, como
si fôra a estatua da afflicção no pedestal da dor! . . .

Choraria ella a perda do homem, a quem momentanea-
mente a ligarão os laços do hymeneo, e cuja posse lhe fôra vic-
toriosamente disputada pelos vermes do jazigo? Oh!
não . . . essa não era a causa do seu mais que humano
agonisar! . . . esse homem só era credôr dos seus meros sen-
timento de humanidade . . . e não de nenhum outro! . . .

VI

*Ao céu subiste nas azas
De virginal sentimento.
Teve huma estrella de mais
O luzido firmamento.*

F. D'A. BARROS.

E alvorecêo o dia, e com a emissão da sua benigna luz
veio á terra allumiar hum quadro de sublime e pathetica de-
votação — Hum vulto de mulher em genuflexão, com os lin-
dos cabellos d'ebano esparsos sem ordem pelos hombros, re-
saltava do sobre o tumulo de Adozindo, como si fôra huma

d'essas estatuas, que sôe collocar-se nos monumentos sepulcraes : seus olhos já cerrados não destillavão mais o licor corrosivo, que ainda ha pouco lh'os lubrificava, emmurchecidas estavam as rosas plantadas em seu rosto, mas n'essa gelida pallidez, suas feições tinham ganhado em reflexos divinos o que perdêrão de terreno ; e seus labios meio-abertos parecião ainda demorar um sorriso angelical . . . hum sorriso d'esses cuja sympathica expressão só he propria da bondade á braços com o infortunio . . . Era ella ! . . . era Notina, cuj'alma segregando-se das laços da materia, se remontára em amoroso transporte ao seio do Eterno, lá realizando a fusão á que o orgulho dos homens sempre se tinha opposito . . . Era Notina que gostosa fenecêra um viver, que nauca lhe agoirára tão triste e precoce acabar !

. E outro moimento foi ahi levantado, e n'elle lia o passageiro o epitaphio — *As Lagrimas de Amor.* —

WITRUVIO.

© BRASIL.

Porque gemes, porque choras,
Tão triste assim, meu Brasil ?
Porque nos labios demoras
Esse sorriso febril ?
N'alma te pesa algum crime,
Seu ferrête vil te emprime
Na fronte remorso atroz ?
Cuspirão-te alguma injuria ?
Algum Nero, acceso em furia,
Infame jugo te impoz ?

Quem te offusca a formosura
Que te infeita o lindo céo,
Onde se estampa, e fulgura
Da lua a face sem véo ?
Quem traja tantos verdores,
Quem tem mais lindos amores,
Quem mais garbo e louçanias ?
Porque, pois, te quedas triste,
Porque — tão ledos ! — baniste
Os sorrisos que sorrias ?

Ah ! já sei d'esse teu pranto
Talvez a causa qual é. . .
És infante puro e santo
Que enceta a vida e descrê.
Oh ! tu não marchas seguro,
Porque não crês no futuro
Que emb' hora Deos te fadou.
No teu peito a dor echôa
Porque não sabes a c'rôa
Que p'ra ti Deos reservou.

Eia, pois, esmalte o riso
Os labios que a dor fanou,
A sorte que co'um sorriso
Cumpre, que Deos te fadou.
Que nação teve um começo
Tão grande, de tanto apreço,
Tão subido . . . tanto assim ?
Se não dormes respeitado
A' sombra do teu passado,
Tens um futuro sem fim.

Cobra alento ; sus ! avante,
Despe esse luto, essa dor ;
Inda no berço es gigante,
Porém fraco, sem vigor.
És aguia inda no ninho,
Que do pico aos céos visinho
Não arrosta a luz do sol,
És um astro no nascente
A brilhar mui frouxamente
Co'a frouxa luz do arrebol.

Mas esse astro, que fulgura
Com mui tenue, escassa luz,
Que apenas na face escura
Da nocte frouxo reluz,
Ha de em estos referventes
De fogo vazar enchentes,
Ha de o mundo deslumbrar —
Como o cometa, qu'em Roma
Feroz sacudindo a coma
Veio o mundo ameaçar.

Mas essa aguia tenra, implume,
Que inda não sabe adejar,
Que do sol o vivo lume
Não póde firme fitar,

Co'o fragor da tempestade
 As azas batendo, ha de
 Junto ao sol ir se aquecer;
 Ha de as azas desferindo,
 A luz do sol encobrindo,
 Ha de o mundo escurecer.

Mas o gigante impotente,
 Sem força, sem robustez —
 Como o Archanjo luzente
 Que o rebelde tem aos pés —
 Ao mundo que aos pés lhe treme,
 Que em negra borrasca freme
 Com desmedido fragor,
 Dirá, batendo no peito :
 « Eis-me aqui — rende-me preito;
 « Eis-me aqui — sou teu senhor. »

T. C. C. GALVAO.

ANJO, QUERO O MEU PERDAO !

Um poeta, Cezarina,
 Ama toda a formosura ;
 Ama a estrella vespertina,
 Que no anil do céu fulgura.
 Ama uma nota cantada
 Por volta da madrugada
 Do dia ao desabrochar !
 Ama das aves o canto,
 Que encerra tão doce encanto,
 Que nos sabe extasiar !

Ama de uns olhos o fogo,
 A saudade, a poesia ;
 E na lyra um desaffogo
 Procura á tanta magia !
 Se no peito lhe referve,
 Como é qu'o bardo se atreve
 Comprimir a inspiração ?
 Um peito que muito ama
 Apagar não póde a chamma.
 Que lavra no coração.

Eu contemplei uma bella
E um terno canto votei-lhe,
Mas para victoria della
Esquecer-te não jurei-lhe.
Uma impressão de momento
Não risca do pensamento
A ideia que o enche de luz !
Tu es a minha beidade,
És a minha divindade,
Que á ventura me conduz !

Que importa que a minha lyra
Outro nome modulasse ?
Foi uma doce mentira
Que julguei não te enfadasse !
Quando eu canto outra belleza
Pões em duvida a firmeza
De minha ardente paixão ?
Não sabes que te idolatro,
Não sabes que sempre grato
Te será meu coração ?

Teu nome é como uma prece,
Que entre meus labios murmura,
Teu nome me fortalece
De Deos na crença tão pura !
Eu n'outra virgem não creio,
Que em seu semblante não leio
Virtudes que eu possa amar !
Outra não tem a belleza,
A candura, a singeleza
Desse teu genio sem par !

Que querias que eu fizesse
Vendo uns olhos sedutores ?
Querias que escurecesse
Seus encantos, seus primores ?
Seria isto ultrajar-te,
Seria, ó bella, julgar-te
Sem prestigio, sem valor !
Que venhão todas as bellas,
Dir-te-hei á face della
Que tu es o meu amor.

Dir-lhes-hei que tu sómente
De minha vida es metade,
E neste voto innocente
Não crer, meu anjo, quem ha de ?

Dir-lhes-hei que são formosas,
Dir-lhes-hei que são mimosas,
Mas que iguaes a ti não são.
Dir-te-hei depois ao ouvido :
« Anjo, estou arrependido ;
« Anjo, quero o meu perdão ! »

F. D'ARAUJO BARROS.

O CANTO DO TROVADOR.

(Ao meu amigo J. M. d'Albuquerque.)

Essa ingrata, essa mulher,
Qu'eu amei mais qu'ao meu Deos,
Quebrou juras, foi tyranna,
Zombou dos transportes meus !

Mas inda um dia
Terá horror
D'ouvir palavras
Do trovador.

Primos sons da minha lyra
A esse monstro votei,
Perjurou... chorei... surrio-se...
Minha lyra ao chão rojei !

Ah ! ri-te, monstro,
Qu' ha de em furor
Mudar-se o pranto
Do trovador.

Com saudade inda recordo
As mentiras d'essa ingrata,
Quizera-a sempre mentindo,
Qu'o desengano me mata !

Mas ella ri-se !
Perco o valor !
Ah ! tema a raiva
Do trovador !

Lá nos braços d'um rival,
Quando um dia se sorrir,
Ha de um ferro envenenado
No peito infame sentir

E tu, christão,
Reza com dôr,
Reza pel'alma,
Do trovador !

Sobre sua sepultura
Uma cruz vai collocar,
Negra lapida, e sobre ella
Este epitaphio gravar :

« Nasceu p'ra amar,
« Morreu d'amor !
« Chorai a sina
« Do trovador ! »

A.

O TEU SORRIR.

Vês de rosa um botão delicado,
Que, as mimosas folhinhas soltando,
Vai, com sua fragrancia e belleza,
Todo o prado em redor cativando ?

Teu sorrir, ó donzella, semelha !
Teu sorrir d'innocencia e candura,
Teu sorrir, que thesouros revela,
Teu sorrir de celeste doçura.

Teu sorrir mais enleva, que briza
De suaves aromas mesclada ;
E' mais doce, é mais cheio de vida,
Que o sorrir de gentil madrugada.

Quando ardendo d'amor eu contemplo
Teu divino, teu meigo sorrir,
Nova vida parece minh'alma
Nesses gratos instantes fruir.

R. S. PAES DE ANDRADE.

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

INDICE.

	Pag.	
Introdução	3	
A mulher	5	»
O amor da mulher	6	»
A educação physica	9	»
O meu pequeno irmão	11	»
Biographia	12	»
O teu resumo	13	»
A' uma flôr	14	»
O meu viver	15	»
Pezares de amor	16	»
O Bello Sexo	17	»
A prostituição	19	»
Eulina	20	»
A amabilidade	21	»
Romance	23	»
Pedido	28	»
A flôr marinha	29	»
O amor infeliz	31	»
Ella	32	»
Missão do Bello Sexo	33	»
O loureirismo	35	»
A compaixão	36	»
O devanear	37	»
Romance	39	»
Paraguassú	42	»
A' Heloise	45	»
Parece-me hum anjo	45	»
Quero hum canto	47	»
Hum beijo	48	»
A mãe	49	»
A religião	51	»
Epistola	53	»
Eu e ella	56	»
A educação moral	57	»
Novella	59	»
Por meu Deos — por minha amada	63	»
O sentimento erotico	66	»
Amores	67	»
Venturas e dissabores do estado conjugal	69	»
Deveres da mãe de familia	71	»
A educação moral	73	»
Hum anjo	75	»
O capricho	77	»
A sózinha no mundo	78	»
As duas mulheres	80	»
Novella	81	»
O Brasil	86	»
Anjo, quero o meu perdão	88	»
O canto do trovador	90	»
O teu sorrir	91	»
Indice	92	»

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

O BELLO SEXO, destinado especialmente à diversão d'aquella fracção do genero humano, cujo nome o adorna, he publicado pela sua respectiva associação mensalmente, em livrações de 12 a 16 paginas no formato de oitavo portuguez. A sua assignatura he trimensal pela quantia de 1\$000 rs., pagos á entrega do primeiro numero.

RECEBEM-SE ASSIGNATURAS:

No Recife, na livraria do Sr. M. F. de Faria.

Em Olinda, em casa do redactor.

Com a publicação d'estes dous numeros completamos o segundo trimestre do nosso periodico, cuja continuação sobr'estamos até voltarmos a progredir os nossos trabalhos academicos.